

O amor, os quatrocentos e os judeus.

A Editora Hachette publicou recentemente trabalho de Georges Duby, professor do College de France, sob o titulo "O Cavalleiro, a Mulher, e o Sacerdote". Trata-se de ensaio cujo tema e o casamento nos seculos XI e XII em terras que perfazem atualmente a metade norte da Franca. Trabalho pois aparentemente muito restrito, e restrito tanto tematicamente, quanto historica- e geograficamente. Poderia se supor que o interesse que desperta e igualmente restrito. O contrario e o caso: o livro provoca toda uma cadeia de reflexoes, algumas das quais me proponho a esboçar no presente artigo:

Os conquistadores germanicos da Gallia, sejam eles Francos, Burgundos, ou pertençam eles a outras tribos, formaram grupo pouco numeroso com relacao a populacao gallo-romana que habitava cidades e campos. Est. desproporcao lhes oferecia certas vantagens. Facilitava a distribuicao e posse das terras, porque a quantidade dos pretendentes as terras era razoavelmente manejavel. Mas, na medida em que o dominio germanico se ia institucionalizando, e codificando, primeiro sob os carolinges, depois sob os capetingas, tal relativa raridade dos "senhores", ("domini"), ia revelando grave problema. E isto, muito curiosamente, nao do ponto de vista economico, (como o teriam suposto os marxistas), mas sobretudo do ponto de vista "genetico", (como o supoe a "nova direita"). Isto e: ou os "senhores" continuariam a casar-se entre si, e destarte correriam os perigos da consanguinidade, ou casariam com a populacao indigena, e correriam o perigo da dissolucao da "sociedade", isto e da propriedade das terras. A revolucao do seculo XI e XII, revolucao fundamental para a historia ocidental o que resultou no feudalismo, tem tal problema "genetico" por uma das suas raizes. Todos os seus aspectos, a hierarquia da "nobreza", as guerras entre os "senhores", as cruzadas, as heresias, a revolta da geracao nova, ("cavalleiro andante"), a luta entre o feudo e o mosteiro nascentes, tudo isto estava marcado pela questao do casamento. E o que estava em causa, no fundo, era a posicao da mulher na sociedade.

Mas havia outra raiz dessas convulsoes todas, das quais somos os herdeiros ate hoje, e as quais marcam ate hoje os nossos valores e o nosso comportamento quotidiano. Tal raiz esta nos esfrocos da Igreja, (isto e: de Roma), para restabelecer o Imperio destruido pelos germanos, embora sob avatar novo. Para alcancar tal meta, a Igreja se reformou primeiro de dentro, (reforma de Cluny), e depois procurou apoderar-se e controlar a vida dos "leigos". Muito caracteristicamente, a estrategia da Igreja nao era a de apoderar-se da vida dos "leigos" e controla-la "de cima para baixo", mas a de manipular tal vida "de baixo para cima", nos seus minimos detalhes. E a arma da qual a Igreja dispunha era verdadeira bomba atomica miniaturizada: a condenacao dos "leigos" ao inferno. Pois o ponto de apoio de tal ameaca mais que mortal era o sexo. De maneira que o que estava em causa, tambem do ponto de vista desta segunda raiz da revolucao, era a posicao da mulher na sociedade. Tratava-se de revolucao "feminista", muito mais radical que a atual, embora em sentido oposto.

Tudo que sabemos a respeito desses acontecimentos fatidicos, o devemos aos sacerdotes, os unicos "letrados". Isto e: temos codigos legais, tratados teologi-

cos, documentos de transmissao de propriedade, e "vidas de santos", tudo isto escrito, em latim na maioria das vezes miseravel, por sacerdotes. De maneira que dispomos apenas do ponto de vista sacerdotal sobre os acontecimentos. E trata-se de ponto de vista nao apenas parcial, mas que distorce a realidade em caricatura. Nao obstante: precisamente por tratar-se de testemunho absurdamente falsificador, podemos reconstituir a cena. E o que nos impressiona mais em tal cena e a imagem da mulher que oferece. E a imagem de uma fera devoradora, supersexualizada e traicoeira, dominadora e aniquiladora, verdadeira ameaca onipresente. Os homens tremiam literalmente, toda vez que deitavam em leito matrimonial ou nao, de serem envenenados ou apunhalados durante o sono pela esposa, ("uxor"), pela companheira, ("sponsa") pela amante, ("concubina"), ou por mulher casualmente encontrada, ("incuba"). Para nem falar das prostitutas. Podemos concluir, de tal imagem da mulher, que as mulheres resistiam com coragem aos esforcos dos sacerdotes e dos cavalheiros de transforma-las em coisas. Foram vencidas.

Os sacerdotes, por certo, nos mostram apenas o lado "pseudo-teologico" da bruxa. Fundamentam eles o seu anti-feminismo sobre alguns textos do Antigo Testamento, ("Eva costela de adam" etc.), e sobre alguns enunciados muito ambiguos de Jesus e S. Paulo. Mas os sacerdotes permitem que vislumbremos, por entre as suas linhas o lado economico-socio-politico do problema. E isto sobretudo, porque os sacerdotes sem vem obrigados a entrarem em aliancas, ("Petitjes combines"), com os cavalheiros germanicos, em sua luta contra as mulheres. O conceito eclesiastico do incesto e a melhor prova disto: "incestuoso" e quem casar com parenta de sexto grau, mesmo se tal parentesco nao for de sangue, mas proveniente da posse de terras. Por certo: a mulher nao e jamais "incestuosa", por ser ela objeto, nao sujeito do casamento. Mas ela e o instrumento desse pecado medonho. E tal pecado e medonho, porque ameaca os senhores germanicos com os efeitos da consanguinidade.

Os sacerdotes distinguem pois entre duas moralidades: a da "lex Divina", que e a que propagam, e a da "consuetudo", (Costumes), que e a dos germanos. Ninguem menciona, obviamente, a moralidade gallo-romana, esta violentamente reprimida. Pois ha duas "ordens" humanas: a dos sacerdotes, que devem viver de acordo com a lei Divina, isto e a-sexuadamente; e a dos senhores germanos, que tambem devem viver de acordo com tal lei, mas aos quais e dispensado recorrerem ao sexo, desde que os seus "costumes" se adaptem, embora muito aproximadamente, as leis Divinas. Trata-se, para os sacerdotes, de controlar a procriacao dos senhores germanicos, afim de poderem controlar a sucoesao da posse, e destarte incorporarem sempre mais terras ao dominio dos mosteiros. O metodo e este: os senhores podem casar em dois sentidos: comprar "uxor" ou reaptar "sponsa", e podem faze-lo de acordo com o "costume" germanico, desde que nao sintam libido, ("luxuria"), durante o ato sexual, mas o realizem tao somente em vista dos herdeiros futuros. Para a mulher isto nao vale, ja que ela e "luxuria" personificada.

A meta de tudo isto e, por certo, de apropriar-se as terras herdadas por mulheres segundo a lei franca ou burgunda, que tais terras sejam "devolvidas a Deus" isto englobadas no feudo dos mosteiros. Mas ha tambem ideologia especifica por de-traz disto. Os cristaos primitivos, inclusive Jesus, acreditavam que o "Reino de

"Deus" está próximo, e que seremos, logo, "todos mudados". De maneira que querer ter filhos e desejo irrazoável. Isto é uma entre as explicações do engajamento antisssexual de Jesus e seus seguidores. Pois tal expectativa do milênio se repetiu no ano 1000 em escala mais ampla. Já que o milênio não se realizou, tratava-se, no século XI, de justificar, mais uma vez, a procriação como atividade "sacralizável", embora em nível inferior das "ordens da vida".

Em tal situação confusa, na qual os interesses dos sacerdotes e dos senhores germânicos ora entraram em choque, ora se confundiam, a mulher germânica, até lá relativamente livre, ia rapidamente sendo coisificada. Quanto a mulher galo-romana, esta continuava, por certo, sendo "vil" e "paga", isto é serva, como o era o seu homem. Não havia, por ora, regulamentação direta da vida sexual dessa vilania toda, nem por parte dos sacerdotes, nem por parte dos senhores. A "liberdade sexual" e a sombra da servidão, coisa a ser meditada.

O resultado de tudo isto foi a "sacralização do casamento", e mais tarde o "casamento civil", tal como o conhecemos até hoje. É um dos seus sub-resultados e o "amor", tal como o concebemos até hoje, e tal como o propagamos pelos meios de comunicação de massa. Não houve, depois do século XII, mais nenhuma reestruturação da relação "mulher-homem". Continuamos sendo feudais neste aspecto. A luta entre os sacerdotes e os senhores germânicos modelou, com leves variações, o nosso comportamento libidinoso e procriativo por 900 anos. Possivelmente esteja ocorrendo atualmente a primeira revolução neste campo desde a revolução capetina. Revolução mais "radical" portanto que a Francesa, (contra o "ancien régime"), ou a Russa, (contra o "capitalismo"). Porque revolução contra as "raízes" mesmas da sociedade ocidental medieval e moderna.

Nas há, na minha experiência concreta, duas "ilhas pre-capetinas" na atualidade. Duas sociedades, nas quais a posição da mulher é ainda a que ela ocupava antes da revolução do século XI e XII. Sociedades pre-feudais portanto. Os quatrocentos paulistas, e os judeus. Por certo: cada qual delas é "pre-feudal" por razões distintas. Os paulistas por serem, como os germânicos na Gallia, conquistadores pouco numerosos e tenedores de consanguinidade. Os judeus, por praticarem, quase deliberadamente, e por motivos não apenas ideológicos, a endogamia, embora seu número pareça excluir o perigo da consanguinidade. Seja como for: nessas duas sociedades podemos observar, "in vitro", a posição econômica, social e política da mulher, portanto o casamento e o "amor", em contexto não manipulado pelos interesses que se degladiavam na alvorada da nossa cultura. Embora por certo contexto que sofreu o impacto de tal cultura. Deixo ao cargo do leitor, o qual tem a mesma experiência concreta de tais "ilhas", que de redeas a sua imaginação, como eu próprio o faço.

Em todo caso: a leitura do livro mencionado é apaixonante, porque abre nova perspectiva sobre vários problemas atuais, entre eles o problema judeu e o "movimento de libertação feminina".